

SANTA MISSA POR OCASIÃO DO CINQUENTÉSIMO ANIVERSÁRIO DA MORTE DO PADRE JOSÉ  
KENTENICH

(Igreja de Santa Maria das Almas – Roma – 13 de Novembro de 2018)

(Santa Missa de Nossa Senhora das Dores – Heb 5, 7-9; Salmo 30; Jo 19, 25-27)

Caros irmãos e irmãs,

Nesta ocasião em que nos reunimos para recordar o 50º aniversário da morte do Padre José Kentenich, foram escolhidas as Orações e as Leituras da Missa de Nossa Senhora das Dores, Memória Litúrgica que a Igreja celebra em todos os dias 15 de Setembro. Foi, precisamente, nesse dia, há 50 anos, que o Padre Kentenich, depois de ter celebrado a Missa de Nossa Senhora das Dores, morre na Sacristia da Igreja da Santíssima Trindade em Schoenstatt. Maria pôs, assim, o Seu selo na vida deste Seu filho predilecto.

Para Maria volvemos também o nosso olhar neste momento. O Evangelho acabado de proclamar pôs-nos perante uma imagem que nos é muito querida: “Junto à cruz de Jesus estavam, de pé, sua mãe e a irmã da sua mãe...” Com estas palavras simples, o evangelista descreve a presença silenciosa de Maria junto do Seu Filho moribundo. Uma presença que não é passiva e resignada, mas está cheia de oração, de participação interior nos sofrimentos do Filho, de oferta do Seu sacrifício pela salvação do mundo.

Neste momento, dramático e solene, no qual se aproxima a “hora” de ir para o Pai, Jesus, desde a Cruz, confia o “discípulo que ele amava” à Mãe: “Mulher, eis o teu filho!” e, a Mãe ao discípulo: “Eis a tua Mãe!”. A tradição eclesial compreendeu, desde a antiguidade, que estas palavras não tinham um valor privado, não eram “coisa de família”, de simples piedade filial por uma Mãe prestes a ficar sozinha mas, tinham um profundo significado universal. Nem Maria, nem João, de facto, são chamados pelos seus nomes mas, fala-se apenas da “mulher” e do “discípulo”. E, assim, podemos compreender que, em João, estão representados todos os discípulos “amados do Senhor” que acreditaram n’Ele e O seguiram. Enquanto, Maria, neste momento, incarna em Si, aquela “Filha de Sião” de quem tinham falado os oráculos proféticos que, tinha acolhido não só os “filhos dispersos de Israel” mas também “todos os gentios” que tinham vindo ao Templo de Jerusalém em busca do “rosto de Deus”. Maria é o cumprimento desta profecia! É, Ela, agora, a Mãe Universal que acolhe todos aqueles que caminham ao encontro de Cristo, o verdadeiro Templo, o verdadeiro “rosto de Deus”, o verdadeiro Salvador do mundo. Esta é uma das razões pelas quais é chamada com o solene epíteto de “Mulher”.

E é, significativo o facto que, só depois desta entrega do discípulo à sua Mãe e da Mãe ao discípulo, Jesus diga: “tudo está consumado!”. Só depois de nos ter confiado a Maria, Jesus sente que concluiu a Sua Missão! A instituição da Maternidade Universal de Maria para todos os crentes conclui, deste modo, a Obra da Redenção.

Caríssimos, esta maternidade mariana, foi para o Padre Kentenich, não uma verdade teológica aprendida nos livros, mas uma experiência vivida na própria carne, quando, apenas com oito anos, no momento de entrar para o Orfanato, foi confiado, pela sua mãe, a Nossa Senhora. Foi um episódio doloroso mas, ao mesmo tempo, providencial. De facto, desde aquele momento em diante, o cuidado maternal de Maria, a Sua proteção e proximidade, foram o fundamento seguro sobre o qual se desenrolou toda a vida espiritual do jovem José. A sua devoção mariana foi uma

afeição vital, um profundo legado existencial que orientou a sua viva inteligência e a sua paixão pela verdade, rumo ao conhecimento de Deus através dos estudos que, acendeu nele um ardente zelo apostólico que o levou a desejar fazer grandes coisas nas missões para levar aos Homens a verdade. Podemos dizer que o Padre Kentenich recebeu, desde muito novo, a grande graça de ter o seu coração enraizado no amor a Maria e, através d'Ela, no amor ao Senhor. Este é o segredo de uma vida cristã autêntica: o coração unido a Deus, a mente e as obras vivificadas por esta união! Se a vida cristã permanece estéril é porque, precisamente, acontece o contrário: a mente aplica-se às verdades divinas, a acção esforça-se por obter resultados eficazes mas, o coração está longe de Deus.

Tendo o coração enraizado em Deus, através de Maria, o Padre Kentenich soube enfrentar, com extraordinária coragem, com fortaleza e perseverança, as muitas cruces que a existência lhe presenteou. A saúde fraca, a prisão no Campo de Concentração de Dachau, a amarga incompreensão por parte da Igreja e o afastamento forçado da sua pátria e da sua Obra durante 14 longos anos. Em todas estas provas, também ele, como Maria, “permanece junto à cruz”, oferecendo o seu sacrifício, unido ao sacrifício de Cristo, pelo bem das almas e confiante que a própria Maria tornaria fecundas as provas dolorosas que estava a viver: “Mater habebit curam”, gostava de repetir.

A experiência pessoal conduziu também a sua extraordinária acção pedagógica. Ele sabia que os jovens estão expostos ao risco de se desviarem e de se perderem se, permanecem à mercê das emoções e paixões fúteis e passageiras, por isso, compreende que, o primeiro passo a dar, também para eles, era selar uma “Aliança de Amor” com Maria que, desde então, se torna no traço distintivo da espiritualidade de Schoenstatt. Trata-se, na prática, de viver “em Aliança” com Maria a fim que Ela, com a Sua intercessão, faça frutificar o compromisso de santificação pessoal e o próprio apostolado no mundo. Trata-se, também, através da entrega íntima do próprio ser à Mãe de Cristo, de viver em plenitude a Aliança filial com Deus que, advém do Baptismo e corresponde, assim, às graças que Ele nos dá continuamente. Maria, de facto, é o modelo da Humanidade que se abre, com confiança, a Deus, que não põe obstáculos, que confia no Seu Senhor, que acolhe plenamente a graça divina que opera n'Ela, que acredita, firmemente, que com Deus tudo é possível, até o que, humanamente, parece absurdo e irrealizável.

Maria é a mulher da Aliança! O Padre Kentenich, portanto, desde o acto fundacional do Movimento de Schoenstatt, tem a certeza que, antes de começar cada tarefa educativa, precisa de “prender” o coração a um alicerce seguro para evitar que fique “à mercê das ondas”. Ele sabia, por o ter experimentado pessoalmente que, quando o coração está preso a Maria, orienta-se espontaneamente, para amar a Deus e para amar os outros filhos de Deus. E, de facto, o Padre Kentenich foi um grande educador: teve sempre como objectivo a formação de personalidades fortes e maduras e, sobretudo, livres. Livres dos condicionamentos externos, livres das pressões sociais, livres dos falsos valores do mundo, capazes de aderirem desde o íntimo do próprio coração, não só na aparência, à fé cristã. Capazes de darem testemunho desta fé em todos os meios sociais e de terem iniciativas apostólicas em autonomia, com ousadia e visão de futuro.

O Padre Kentenich torna-se, assim, um verdadeiro pai para muitos jovens, para leigos, seminaristas, sacerdotes, para mulheres consagradas, para grupos de famílias que encontraram nele um guia seguro e sábio que os acompanhasse com amabilidade e com clareza de ideias, no crescimento na fé e na plena adesão à vocação pessoal.

Este homem de Deus foi, sobretudo, um autêntico filho da Igreja. Amou a Congregação dos Pallottinos na qual, por desígnio providencial, nasce e desenvolveu a sua vocação sacerdotal. Dedicou-se generosamente à formação espiritual de tantos sacerdotes que, aos milhares, acorriam para assistirem aos seus retiros e conferências. Amou toda a numerosa Família espiritual à qual deu vida o Movimento de Schoenstatt, uma “árvore”, podemos dizê-lo, da qual surgiram muitos “ramos”: os Institutos Seculares; o Movimento de Peregrinos, as Ligas Apostólicas, as Uniões Apostólicas. O Padre Kentenich amou e respeitou sempre a hierarquia eclesiástica, tendo mostrado nos confrontos com ela, também franqueza e honestidade na apresentação e defesa do seu carisma, mas à qual sempre se submeteu com obediência, também face às medidas restritivas que lhe foram impostas.

Caríssimos irmãos e irmãs, como todos os fundadores da nova realidade eclesial suscitada pelo Espírito Santo para renovar a Igreja, também o Padre Kentenich foi um instrumento que Deus escolheu e que Deus enriqueceu com muitos dons e graças especiais. Talvez, não seja possível reproduzir toda a riqueza espiritual da sua personalidade, mas vós, os seus filhos espirituais, podeis inspirar-vos em alguns traços do seu carisma e do seu trabalho que estão mais próximos da vossa índole e que sentis como mais urgentes para serem repropostos no contexto social no qual vivemos. Para alguns será o trabalho pedagógico de formação dos jovens, para outros a proposta de um sério caminho pessoal de santificação, para outros ainda o testemunho cristão no ambiente de trabalho, ou o impulso missionário, ou o trabalho de paternidade e de direcção espiritual, ou o apostolado da oração, a difusão da devoção mariana nas famílias, e tantos outros ainda. Lembrem-se que os carismas eclesiais continuam a permanecer vivos no tempo se são acolhidos e abraçados fielmente por pessoas generosas e sinceras que os actualizam para cada nova geração que surge.

Que a Virgem Maria, por vós especialmente venerada como Mãe Três Vezes Admirável, vos acompanhe e vos assista no caminho pessoal e comunitário de santificação e de apostolado.

Ámen